

A contextualização de um currículo plural e seus efeitos sobre os processos de ensino-aprendizagem à luz das questões de gênero

The importance of a plural curriculum and its effects on teaching-learning processes in the light of gender issues

Ludmila Lins Bezerra 

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, PT, Portugal.
ludlins_@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo propõe uma discussão sobre as vertentes do currículo e seus possíveis efeitos no processo de aprendizagem pautados nas questões de gênero. Para tanto, a problemática central da análise curricular e seus efeitos no processo de aprendizagem necessita de alguns questionamentos, relativamente à estruturação do currículo e às alterações sociais nesse trajeto. A escola contribui para esse processo ao espelhar suas relações sociais nas vivências, ao privilegiar umas e invisibilizar outras. É, pois, por meio de uma reflexão teórica e estrutural que se busca contribuir para uma possível reflexão prática no campo educacional. Esta pesquisa situa-se, portanto, nos Estudos do Currículo e dos Estudos de Gênero. A metodologia da pesquisa é caracterizada como qualitativa, exploratória e bibliográfica. Quanto aos desafios para problematizar as questões de gênero no processo de ensino-aprendizagem, conclui-se que se faz necessário ressignificar o currículo escolar e as práticas docentes para que seja possível desconstruir as barreiras caracterizadas pelo fator gênero.

Palavras-chave: Currículo. Ensino-aprendizagem. Gênero.

ABSTRACT

This article proposes a discussion about the aspects of the curriculum and their possible effects on the learning process based on gender issues. Therefore, the central issue of curriculum analysis and its effects on the learning process requires some questions regarding the structuring of the curriculum and the social changes in this path. The school contributes to this process by mirroring its social relationships in experiences, by privileging some and making others invisible. So, it is through a theoretical and structural reflection that we seek to contribute to a possible practical reflection in the educational field. Thus, this research is about Curriculum Studies and Gender Studies. The research methodology is characterized as qualitative, exploratory and bibliographical. As for the challenges to problematize gender issues in the teaching-learning process, it is concluded that it is necessary to re-signify the school curriculum and teaching practices so that it is possible to deconstruct the barriers characterized by the gender factor.

Keywords: Curriculum. Gender. Teaching-learning.

INTRODUÇÃO

No cenário contemporâneo, é possível sinalizar aspectos que indicam uma diversidade cultural, seja pela cor da pele, raça, etnia, religião, gênero ou faixa etária. Juntamente com essa diversidade, verificam-se as demarcações (pré-estabelecidas) correspondentes aos espaços a serem ocupados. Especificamente para este artigo, pautar-nos-emos no fator gênero. A existência das barreiras construídas pelo gênero é, na maioria das vezes, iniciada e reproduzida na escola e em seus currículos. Assim sendo, é válido refletir quais são as implicações do currículo, nas diferentes formas de mediação de aprendizagem à luz das questões de gênero.

O objetivo, neste estudo, propõe uma discussão alicerçada nas vertentes do currículo escolar e seus possíveis efeitos no processo de aprendizagem em relação às questões de gênero. É pertinente problematizar a estruturação do currículo com uma perspectiva plural dentro do processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, o manuscrito está organizado da seguinte maneira: no primeiro momento, discutimos a construção da história do currículo; por sua vez, no segundo, trazemos a reflexão sobre o gênero no espaço escolar e suas barreiras, por fim, apresentamos o atravessamento teórico do gênero e do currículo a partir da educação sexista que se materializa no ambiente escolar.

Faz-se necessário, portanto, analisar, buscar desconstruir e superar as desigualdades nas relações de gênero, a partir da percepção de que os comportamentos generificados são um constructo social. Para tanto, explanaremos como se estruturou historicamente o currículo no campo da educação. É válido compreender o currículo e seu atravessamento social, político e cultural nos contextos em que se desenvolvem.

Podemos até dizer que sempre houve um elemento oculto de inspiração na construção do currículo – ressignificação da educação – que aconteceu quando a história do currículo alcançou um estágio de revolução que alterou toda a percepção de conhecimento. A concepção de interdisciplinaridade veio para que houvesse uma comunicação entre ambas, com isso, foi necessário (e ainda é) repensar as práticas pedagógicas e seus possíveis efeitos no processo de aprendizagem.

No entanto, a história do currículo, à medida em que se desenvolveu, logo se distanciou do espaço escolar. Por exemplo, as fronteiras originariamente demarcadas em torno da aprendizagem, para torná-la algo conhecível, mostraram-se muito complexas e dinâmicas. Desse modo, deparamo-nos aqui com o fato de que discutimos o currículo, sua construção e a pertinência de sua problematização, mas não fizemos o mesmo com a estrutura escolar.

As sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’- isto é, identidades – para os indivíduos. (Hall, 2003, p. 17)

Isso nos leva a outra consideração: a história do currículo, embora seja uma criação própria da cultura e em função de atitudes praticamente científicas, agora precisa lidar com situações que não estarão incluídas nela propriamente. Dito de outro modo, são inseridas de maneira “extracurricular” atividades que se relacionam à raça e ao gênero. Esses marcadores sociais trazem culturas, portanto, vivências que podem ser desenvolvidas e compostas no currículo vivido. É igualmente válido que algum conhecimento dessas culturas seja compartilhado com os sujeitos que convivem, buscando compreender melhor a sociedade em que vivem, respeitando e relacionando com as mais variadas características e culturas, sem ser definida como “outra” ou “diferente”. A fronteira da diferença precisa ser ultrapassada e ressignificada.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia adotada neste trabalho foi a bibliográfica de acordo com Gil (2002), a qual foi desenvolvida com base em material já elaborado, mais especificamente, livros e artigos já

existentes. Quanto à natureza, o estudo pode ser caracterizado como qualitativo, pois visa a aprofundar a discussão sobre a temática de currículo, o gênero e o processo de ensino-aprendizagem. Este manuscrito também pode ser considerado exploratório, que, segundo Gil (2002), tem o objetivo de aprimorar ideias. Dessa maneira, a presente pesquisa se caracteriza como qualitativa, exploratória e bibliográfica, em que se busca refletir sobre o tema já exposto a partir de referências teóricas que tratam dos conceitos estruturantes do artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um currículo limitado e estático em uma sociedade plural e dinâmica

O currículo possui um conceito amplo e complexo, é resultado de diversas práticas, realizadas a partir de diversos olhares em situações distintas, envolvendo sujeitos com suas variadas vivências. Essa compreensão ampla que envolve a construção e a prática do currículo, na maioria das vezes, acaba sendo restrita a um mero documento que divide disciplinas e teorias sem levar em consideração a vasta pluralidade cultural.

Para além de sua compreensão global, o currículo abrange disciplinas e práticas pedagógicas e algumas perguntas são válidas a serem consideradas: Como evoluiu o currículo nas últimas décadas? Que perspectivas orientam o currículo atualmente? Como as relações de gênero caminham juntamente a essa evolução curricular?

Esse currículo é influenciado pelos contextos sociais, políticos e culturais. É proveitoso considerar que, assim como a educação, o currículo está em constante construção e possui múltiplas definições.

O currículo, embora apesar das diferentes perspectivas e dos diversos dualismos, define-se como um projeto, cujo processo de construção e desenvolvimento é interativo, que implica unidade, continuidade e interdependência entre o que se decide ao nível do plano normativo, ou oficial, e ao nível do plano real, ou do processo de ensino-aprendizagem. Mais ainda, o currículo é uma prática pedagógica que resulta da interação e confluência de várias estruturas (políticas, administrativas, econômicas culturais, sociais, escolares, ...) na base das quais existem interesses concretos e responsabilidades compartilhadas. (Pacheco, 1996, p. 20)

A história do currículo inicia-se nos Estados Unidos, século XX, quando o filósofo e pedagogo John Dewey (1859-1952) problematiza a educação e lança os princípios da escola progressista, na qual a criança é a preocupação central do processo e construção do currículo. Pautado nas ideias de Dewey, em 1949, o educador americano Ralph Tyler (1902-1994) lança uma obra que questionava os objetivos educacionais, a organização das experiências e como eram avaliados para saber se os objetivos foram atingidos. Em sua pesquisa, Tyler concluiu que cada processo é único, pois cada escola possui sua vivência específica, o autor, portanto dispensou a compreensão de um currículo único (Pacheco, 1996).

Gímeno e Pérez (1989) apontam que, no início dos anos 1950, ocorreu uma notável busca de estudos sobre o currículo, essencialmente no estilo do Tyler, em que são descritos os efeitos alcançados nos alunos. No entanto, esta compreensão do currículo teve uma grande alteração na crise da educação em 1957 relativamente ligada ao avanço tecnológico e científico com o Sputnik¹.

¹ O programa espacial Sputnik foi criado pela União Soviética em meados da década de 50, no século XX, para comprovar a eficiência dos satélites artificiais. Para maior aprofundamento: Porto Editora – *Sputnik* na Infopédia. Porto: Porto Editora. [https://www.infopedia.pt/\\$sputnik](https://www.infopedia.pt/$sputnik)

A relação do Sputnik com o currículo é embasado na ideia de que o currículo em Matemática estava defasado, uma vez que os alunos não estavam sendo preparados o suficiente a fim de se tornarem indivíduos “produtivos e competitivos”, concomitantemente à viagem do Sputnik à lua (Shoenfeld, 1991).

A partir daí houve a necessidade de enfatizar a educação científica pautada num currículo que defina o que os alunos devem aprender nas escolas. Gímeno e Pérez (1989) definem esta visão de currículo como baseado na concepção disciplinar do conhecimento científico.

Os anos 1970 vivenciaram a construção e discussão sobre as relações entre teoria e prática do currículo e neste momento houve uma ampliação significativa da oposição da Teoria Curricular do Tyler. Freitas (1998) indica que as recusas do modelo tyleriano, do paradigma da aprendizagem por objetivos e da avaliação quantitativa deu origem a muitos desenvolvimentos teóricos distintos.

Para a teoria técnica do currículo, limitadas na unicidade do sujeito essencialmente limita o currículo como um produto, organizando a prática pedagógica a partir de um plano pré-definido. Pacheco (1996, p. 37) refere que “o conceito mais corrente de currículo está ligado a um plano estruturado de aprendizagem centrado nos conteúdos ou nos alunos ou ainda nos objetivos previamente formulados”.

Neste sentido, a legitimação do currículo se dá por decisões administrativas sobre o que o docente deve ensinar, sendo previamente determinado. Já na teoria prática, o currículo é visto como um processo em construção, definido e efetivado pelo docente, de modos distintos, adequando-se aos mais variados contextos. Pacheco (1996) aponta que sua legitimação é processual e dinâmica.

Em sua vertente crítica, o currículo é visto como resultado de uma ação em conjunto dos docentes, que possuem uma percepção crítica do processo de aprendizagem, respeitando e considerando as vivências e identidades dos sujeitos aprendentes.

Sempre se geriu o currículo e sempre terá de se gerir, isto é decidir o que ensinar e porquê, como, quando e com que prioridades, com que meios, com que organização, com que resultados... Mas a maioria dessas decisões passavam-se distantes da escola e dos professores, a nível central, quase limitando a gestão curricular — as decisões — dos professores, no plano coletivo, à distribuição dos conteúdos pelos trimestres e à atribuição das classificações, e, no plano individual, à planificação das suas aulas quotidianas. (Roldão, 1999, p. 25)

Podemos constatar que ao longo do século XX, houve diversas perspectivas referentes às teorias do currículo. É pertinente pontuar, ainda que de forma breve esta evolução da história do currículo para situar a importância de se conceber um currículo plural no processo de ensino-aprendizagem.

Gênero: uma barreira materializada nos espaços escolares

De maneira geral, o espaço escolar classifica, molda e ordena os indivíduos de acordo com padrões pré-definidos e isso acaba fortalecendo as barreiras que dividem os sujeitos por gênero, raça e cor. É válido considerar que a relação entre currículo e sociedade expressa a relevância em se rever e repensar de que formas as relações que envolvem o gênero atravessam este percurso. É primordial que o currículo seja compreendido como um conjunto de aprendizagens, consideradas socialmente existentes num determinado cenário e que é papel da escola organizar este conjunto de forma significativa. É relevante perceber o currículo como um artefato cultural, composto por sujeitos em suas variadas formas sociais e políticas. Geralmente, o que ocorre é que o currículo ainda seleciona, classifica e limita as aprendizagens, o que reflete diretamente nos sujeitos.

O conceito de gênero, pois, se pauta na diferenciação entre sexo e gênero: gênero é delineado pela construção social, histórica e cultural das diferenças pautadas no sexo. Tal conceito traz a definição que biologia não é destino e ninguém é naturalmente homem ou mulher, feminino ou masculino e que tais conceitos são socialmente construídos (Carvalho, 2010).

Além de compreender que o gênero é construído como estrutura relacional entre feminino e masculino, é pertinente considerar que esta construção polarizada representa matrizes que categorizam os sujeitos em vários aspectos: atitude, inteligência etc. Esta categorização acaba

limitando as diversas possibilidades apenas por estarem enquadradas e moldadas pelo gênero. E isso acaba acarretando limitações estruturantes que ultrapassam o ser menino ou ser menina. As questões da igualdade de gênero, por exemplo, não podem ser pontuadas especificamente como um tópico curricular a serem trabalhadas. Estas questões precisam ultrapassar o currículo formal, e adentrar nas práticas, no discurso, nos olhares, na rotina entre estudantes e docentes. A temática da igualdade de gênero precisa ser abordada de maneira transversal.

Currículo e Gênero: a problematização de uma educação sexista

Considerar um diálogo entre o currículo e gênero é uma tentativa de repensar e desconstruir a naturalização dos espaços ainda divididos pelo gênero. Louro (2002) aponta da forma que o currículo participa na construção dos modos de ser menino e menina, e como eles acabam sendo naturalizados nos diversos campos.

Para que seja possível desconstruir os moldes que são feitos cultural e socialmente estabelecidos como masculino ou feminino, as práticas docentes precisam ser repensadas e reconhecidas como participantes neste processo de ressignificação. As questões que envolvem gênero atravessam a construção de um currículo cristalizado, ainda enxergam os sujeitos sem considerar suas vivências e identidade.

O currículo é lugar de representação simbólica, transgressão, jogo de poder multicultural, lugar de escolhas, inclusões e exclusões, produto de uma lógica explícita muitas vezes, e outras, resultado de uma 'lógica clandestina', que nem sempre é a expressão da vontade de um sujeito, mas imposição do próprio ato discursivo. (Berticelli, 2001, p. 160)

A educação compreendida como um direito de todos(as) deveria funcionar de maneira comprometida com o desenvolvimento global do sujeito: social, crítico e cognitivo. No entanto, o que ocorre no processo de ensino-aprendizagem, por vezes, é que este é estimulado de maneira fragmentada, sem considerar os diversos marcadores sociais e diversas culturas inseridas num mesmo espaço.

As características construídas para homens e mulheres são desenvolvidas no processo da socialização e iniciam-se antes mesmo do sujeito nascer. Este processo de socialização está incluso no processo de ensino-aprendizagem em que são ensinadas regras de como comportar-se de acordo com seu gênero. Meyer (2001) indica que aprendemos a ser homens e mulheres desde que nascemos e essa aprendizagem é processada em diversas instituições sociais.

Considerar que a educação sexista presente no ambiente familiar e escolar acabam conduzindo as mulheres para comportamentos que remetem ao cuidado do/a outro/a e da casa, enquanto os meninos são estimulados à independência e atividades competitivas, acaba acarretando interesses distintos para a escolha do curso superior. Nascimento (2014) aponta a educação sexista como aquela que não apenas diferencia homens de mulheres, mas que transforma estas diferenças em desigualdades, que são justificadas pelo fator biológico.

O espaço escolar precisa ser reconhecido e legitimado como agente de socialização e seu papel na construção de valores, juntamente com a família. A escola precisa buscar promover a educação baseada na igualdade, na inclusão, permitindo que os/as estudantes sejam livres em suas escolhas e identidades, auxiliando assim, a desconstruir moldes pré-estabelecidos. O uso da própria linguagem ainda é predominantemente masculino e ainda visto como algo cultural e inquestionável. A linguagem inclusiva ainda é algo que está distante de ser naturalizada nos espaços e precisa de um engajamento por parte dos/as docentes para que seja possível.

CONCLUSÃO

Foi possível perceber que a educação sexista acaba naturalizando e reproduzindo as desigualdades no espaço escolar. Deste modo, é válido buscar construir uma educação que vise desenvolver o ser humano de maneira crítica e global, para além das barreiras construídas pelo gênero. Uma educação pautada no respeito às mais diversas formas de ser é um passo significativo para que seja possível existir uma sociedade menos desigual.

Os problemas sociais que envolvem o gênero vêm de uma construção social de feminilidade e masculinidade que tem configurada as formas de ser e, de tão enraizada, causa impactos nas opiniões, ações e julgamentos na vida de homens e mulheres.

Para tanto, é preciso repensar a dimensão dada ao currículo e seu impacto na sociedade, desvincular a neutralidade do currículo é ponto chave para a busca pela desigualdade. Se faz necessário, portanto, ressignificar o currículo e as práticas docentes para que seja possível desconstruir as barreiras caracterizadas pelo fator gênero.

REFERÊNCIAS

- Berticelli, I. A., & Telles, A. M. (2001). O currículo na contemporaneidade: filosofia e tendências. *Revista Pedagógica*, 19(41), pp. 271-286.
- Carvalho, M. E., & Rabay, G. (2013). *Gênero e Educação Superior: apontamentos sobre o tema*. João Pessoa: Editora UFPB.
- Freitas, C. (1996). *Caminhos para a descentralização curricular. Colóquio – Educação e Sociedade*, 10, pp. 99-118, Lisboa.
- Gil, A. (2002). *Como elaborar um projeto de pesquisa*. 4. Ed. São Paulo: Atlas.
- Gímeno, J., & Pérez, A. (1989). *La enseñanza: su teoría y su práctica*. Madrid: AKAL.
- Hall, S. (2000). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4. ed. DP&A, Rio de Janeiro.
- Louro, G. (2002). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista*. Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro.
- Meyer, D. (2001). Algumas implicações para a escola e o currículo. In: Costa, M. V. *O currículo nos limiares do contemporâneo*. 3. Ed, pp. 79-82. DP&A, Rio de Janeiro.
- Nascimento, A. (2014). Divisão sexual dos brinquedos infantis: uma reprodução da ideologia patriarcal. *Revista O Social em questão*, ano XVII (32), pp. 257-276.
- Pacheco, J. (1996). *Currículo: Teoria e práxis* (Coleção Ciências da Educação). Porto Editora, Porto.
- Roldão, M. (1999). *Gestão curricular: Fundamentos e práticas*. DEB, Lisboa.